
PERFIL DE ANSIEDADE E AUTOMEDICAÇÃO DE ALUNOS CONCLUINTE DE CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UMA FACULDADE NO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA

PROFILE OF ANXIETY AND SELF-MEDICATION OF STUDENTS COMPLETING COURSES IN THE HEALTH AREA IN A COLLEGE IN ALTO SERTÃO DA PARAÍBA

Nathália Keveny Grangeiro SILVA¹, Vagner Alexandre de SOUSA¹, Francisca Dara Augusto de SOUSA², Tássia Thuanne Dantas da Silva³, Liliane Pinheiro de Sousa⁴, Ana Emília Formiga MARQUES⁵

1 - Graduando de Farmácia da Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP, Cajazeiras – PB, Brasil

2 - Pós-graduanda de Análises Clínicas da Faculdade Santa Maria – FSM, Cajazeiras – PB, Brasil

3 - Pós-graduanda em Farmácia Hospitalar do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa – PB, Brasil

4 - Professora, Licenciada em Química pela Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, PB

5 - Farmacêutica, Professora de Farmácia Clínica, Curso de Farmácia, Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP, Cajazeiras – PB, Brasil

RESUMO:

O ingresso na graduação leva o estudante a passar por diferentes desafios de âmbito acadêmico, como trabalhos, avaliações, produção científica, assim como de cunho social, início de novas amizades, fortalecimento das relações profissionais, problemas do campo individual e familiar, podendo ocasionar complicações de quadros de ansiedade. Diante desse contexto esse estudo objetiva analisar o perfil de ansiedade e uso de ansiolíticos por alunos concluintes dos cursos das áreas de saúde da Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP. Para isso foi realizado um estudo quanti-qualitativo com estudantes do último ano dos cursos de Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Educação Física, totalizando 42 participantes na pesquisa. Para a realização de coleta de dados foram utilizados dois questionários, um de caráter sociodemográfico e análise de ocorrência de automedicação e o inventário de ansiedade BECK-BAI. O estudo seguiu os critérios estabelecidos na resolução CNS nº510/2016. Cerca de 71,4% dos universitários afirmaram ser mais ansiosos no fim do curso, desse modo foi possível perceber que o semestre cursado é um fator relevante no entendimento da evolução da ansiedade em universitários. As mulheres em 64% demonstram maior nível de ansiedade quando comparadas ao sexo masculino, assim de acordo com o levantamento de dados, observou-se que cerca de 64,3% dos estudantes fazem uso da automedicação.

Palavras-chaves: Ansiedade. Estudantes de ciências da saúde. Automedicação.

ABSTRACT:

Admission to undergraduate courses takes students through different academic challenges, such as jobs, assessments, scientific production, as well as social issues, the beginning of new friendships, the strengthening of professional relationships, problems in the individual and family fields, which can cause complications anxiety disorders. Given this context, this study aims to analyze the profile of anxiety and use of anxiolytics by graduating students in the health course at Faculdade São Francisco da Paraíba - FASP. For this, a quantitative-qualitative study was carried out with students from the last year of the Pharmacy, Nutrition,

Nursing and Physical Education courses, totaling 42 research participants. Two questionnaires were used for data collection, one of a sociodemographic nature and analysis of the occurrence of self-medication and the BECK-BAI anxiety inventory. The study followed the criteria established in resolution CNS nº510 / 2016. About 71.4% of university students said they were more anxious at the end of the course, so it was possible to realize that the semester attended is a relevant factor in understanding the evolution of anxiety in university students. 64% of women show a higher level of anxiety when compared to men, so according to the data survey, it was observed that about 64.3% of students use self-medication.

Keywords: Anxiety. Students health sciences. Self-medication.

1. INTRODUÇÃO

O ingresso na graduação leva o estudante a passar por diferentes desafios de âmbito acadêmico, como trabalhos, avaliações, produção científica, assim como de cunho social, início de novas amizades, fortalecimento das relações profissionais, problemas do campo individual e familiar. Os acúmulos de tais desafios agem no corpo humano de forma a gerar alterações psicológicas e fisiológicas, que exigem do aluno uma constante adaptação de novo contexto, levando assim a fatores de estresse e ansiedade (LANTYER, VARANDA, et al., 2016).

Essas mudanças podem aumentar de nível com o passar do semestre, e se acentuar com o fim da faculdade, tornando-se por vezes o período mais complexo, no qual os universitários encontram-se muitas vezes saturados da correria junto com todas as exigências e cobranças. Tais como, a realização do tão temido trabalho de conclusão de curso (TCC), a entrada no mercado de trabalho, as expectativas familiares e em alguns casos a insegurança sobre o próprio desempenho durante a graduação (MOUTINHO, MADDALENA, et al., 2017).

A palavra ansiedade de acordo com sua origem no latim vem do termo *anxietasque* significa angústia, também de origem latina é oriundo da palavra *agere*, caracterizando-se como sufocar, oprimir. Dessa forma a etimologia da palavra carrega uma das suas principais características, a respiração dificultada e angústia. Dentre esses, outros sintomas equivalentes são: tensão muscular, inquietação, insegurança diante de atividades futuras, irritabilidade, taquicardia, entre outros, mostrando assim que a ansiedade pode interferir de modo emocional, cognitivo, comportamental e fisiológico, de forma a afetar o funcionamento do corpo (ANDRADE, ARAÚJO e SOUZA, 2019).

Vale salientar que a ansiedade é uma reação do corpo a situações de estresse, medo, insegurança e pensamentos negativos, nem sempre pode ser considerada como

doença. Assim a diferenciação entre uma reação natural ao corpo e uma patologia, é dada de acordo com a intensidade dos sintomas (GROLLI, WAGNER e DALBOSCO, 2017).

A automedicação é conceituada como prática de utilizar medicamentos sem a prescrição de profissionais habilitados. É a utilização de fármacos sem acompanhamento, na busca de alívio dos sintomas. De forma geral, os fatores relacionados são indicações de vizinhos, falta de informação sobre os riscos de uso irracional de medicamentos, o acesso facilitado destes e as propagandas da televisão que incentivam diretamente o uso indiscriminado (HOFFMANN, PEREIRA, et al., 2017).

Desse modo, é importante salientar que estudantes da área de saúde estão entre os que mais praticam uso irracional de medicamentos, tal fato pode ser relacionado com as disciplinas concluídas durante a graduação, onde elas são fontes de conhecimentos sobre os fármacos (LOPES e MATA, 2017). Os medicamentos utilizados para tratamento de ansiedade são os ansiolíticos, destacando-se principalmente os benzodiazepínicos, barbitúricos, antidepressivos e agonistas do receptor 5-HT1A. Essas classes causam um efeito depressor no Sistema Nervoso Central (SNC), reduzindo os níveis da doença, porém se utilizados da maneira incorreta, podem causar dependência e reações adversas (ALMEIDA, 2017). Uma das outras opções de tratamento para ansiedade são os não farmacológicos. Desse modo como exemplo tem-se as Práticas Integrativas e Complementares (PIC's) que tem papel importante na terapia, sendo como adjuntas ao tratamento convencional, como exemplos principalmente a acupuntura e yoga (PAULA, BREGUEZ, et al., 2020).

A dispensação desses medicamentos é de inteira responsabilidade do farmacêutico, pois se trata de fármacos de controle especial, salientando assim a importância do profissional em uma possível diminuição da automedicação (ASSINI e BACK, 2017). Eles são regulamentados pela Portaria nº 344/1988, em que a Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) é responsável pelo controle na venda e consumo dos mesmos (BRASIL, 1998).

É dessa perspectiva apresentada que o presente trabalho destaca a ansiedade e seus efeitos pautados no quadro da automedicação dos estudantes universitários da área da saúde. Tomando como questão norteadora o seguinte enunciado: Qual o perfil de ansiedade e fatores associados à automedicação por universitários da área de saúde?

2. MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa é descrita como um estudo transversal de caráter analítico descritivo, uma vez que tem por objetivo coletar e descrever as características de uma determinada população a fim de descobrir a intensidade e frequência dos acontecimentos, as causas e suas relações com outros fatos. Quanto ao objetivo proposto, utilizou-se procedimentos como o estudo de campo, uma vez que se fez necessário coletar e analisar dados cedidos por determinado grupo, sendo assim, a pesquisa se enquadra em uma abordagem quanti-qualitativa buscando mensurar e analisar os dados colhidos, ao passo que também se propõe, descrever e entender determinado fenômeno.

O estudo foi desenvolvido em uma faculdade particular no município de Cajazeiras no estado da Paraíba.

A população elencada para o estudo foi dos cursos das áreas de saúde dessa Instituição de Ensino Superior, sendo eles: Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Educação Física. Os critérios de inclusão foram estudantes que manifestaram vontade de participar da pesquisa e que estavam matriculados no 10º semestre dos cursos citados, devendo ser maiores de idade e apresentados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado. Seriam excluídos, aqueles que não estivessem matriculados no 10º semestre de algum dos cursos citados e aqueles que se recusassem a assinar o TCLE e/ou negassem participar da pesquisa.

Para a realização da coleta de dados, foram aplicados com os estudantes dois instrumentos de análise, sendo um deles, um questionário de caráter sociodemográfico e sobre a ocorrência da automedicação, adaptado da pesquisa de Capistrano (2019) e Fontes (2019). O outro instrumento se trata do inventário de ansiedade BECK-BAI, que foi adaptado de Sousa, Lemos, et al., (2020) cuja função é mensurar a intensidade de sintomas de ansiedade.

Referente aos dados coletados, estes foram coletados entre Agosto e Setembro de 2020, sendo analisadas variáveis sociodemográficas, contendo informações sobre a idade, sexo, ocupação e estado civil dos participantes. Foi ainda visto questões relacionadas a realização e recorrência da automedicação, como os tipos de medicamentos mais utilizados, e os dados resultantes da aplicação do inventário BECK-BAI, trazendo informações quanto a ocorrência dos sintomas mais comuns da ansiedade.

Os dados foram compilados e analisados por meio de softwares como Microsoft Office Excel 2010, que permitiram a visualização destes por meio de gráficos estatísticos e tabelas. Assim as categorias foram apresentadas em percentuais.

Esta pesquisa atendeu a todas as normas éticas indicadas pela Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde do Brasil sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Maria – FSM/PB, com parecer de aprovação número 4.212.117(MS, 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra dessa pesquisa foi composta por 42 estudantes que estavam dentre os critérios de inclusão dessa pesquisa. A prevalência foi o sexo feminino com 59,5%. De acordo com dados do Censo da Educação Superior de 2017 as mulheres predominam com 57,2% dos estudantes universitários. Com relação à faixa etária, o maior número de participantes foi de 18 a 25 anos (59,5%) (BRASIL, 2017).

Dos entrevistados, 45,2% são do curso de farmácia, 23,8% de nutrição, 21,4% educação física e 9,6% de educação física. A pesquisa de Cardozo, Gomes, et al., (2016) enfatiza que o transtorno de ansiedade pode acometer cerca de 15% a 29% dos estudantes universitários. Justificando essa ideia, Lima, Trajano, et al., (2017) afirma que os universitários da área da saúde são os que exigem mais alerta ao se tratar de ansiedade, em que os mesmos apresentam maior nível de transtorno quando comparados a outros cursos, tal fato pode ser entendido pelo contato direto com pacientes, iniciados já nos estágios supervisionados, levando ao medo de lesá-los. Isso interfere de forma significativa, pois repelem sintomas como insegurança, demonstrando uma incapacidade de assumir tal ação.

Os estudantes em 71,4% afirmam que se tornaram pessoas mais ansiosas no final do percurso acadêmico, quando comparadas ao início, o que se percebe é que o semestre cursado é um fator relevante no entendimento da evolução da ansiedade em universitários. Quanto ao gênero, o feminino prevaleceu com 64%. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2017) o sexo feminino segue demonstrando um maior desenvolvimento de transtorno de ansiedade, cerca de 4,6% em relação a 2,6% do gênero oposto.

Um estudo realizado por Ferreira, Silva e Costa (2019) demonstrou que 77,6% dos estudantes da área da saúde apresentam sintomas graves de ansiedade no fim do curso. Semelhante a isso, a pesquisa de Fernandes, Vieira, et al., (2018), relata como exemplo o

último semestre, por ser majoritariamente temido pelos universitários, que se desdobram para dar cabo das disciplinas da grade curricular e a obrigatoriedade do TCC. É nesse período do curso que ocorre na maioria das vezes a sobrecarga de estresse acumulado ao longo dos semestres já concluídos, atrelando assim a exacerbação de nervosismo, insônia, sudorese, irritabilidade, que juntos acabam por comprometer a qualidade de vida. Sendo assim, o fim do curso é o período que mais acomete a vida dos universitários, relacionando também a hesitação ao futuro emprego.

Seguindo essa linha de raciocínio Carvalho, Bertolini, et al., (2015) relatam que tal prevalência pode ser explicada, devido à carga que a sociedade exige das mulheres, além das barreiras que a elas são impostas, a eterna demonstração de sua capacidade e o anseio pela sua independência social. Levando em consideração propriedades físicas, os transtornos de ansiedade podem afetar estudantes do sexo feminino devido algumas patologias, como menopausa, doença na glândula tireoidiana, fatores genéticos e problemas estomacais (MEDEIROS e BITTENCOURT, 2017).

De acordo com o levantamento de dados, observou-se que cerca de 64,3% dos estudantes fazem uso da automedicação, realizando um recorte por gênero, percebe-se que existe uma prevalência de 52% de mulheres. Esses dados podem ser corroborados com a pesquisa de abrangência nacional realizada por Arrais, Fernandes, et al., (2016) a qual constatou que o uso de medicamentos entre as mulheres é mais recorrente, pelo fato destas terem uma maior preocupação com sua saúde. Dessa forma a realização de consultas médicas entre as mulheres são mais frequentes que entre homens.

Um estudo realizado por Fontes (2019) mostra que 88,3% dos estudantes da área da saúde praticam automedicação. Complementando tais dados, a pesquisa desenvolvida por Leite, Furtado, et al., (2016) corrobora com os dados citados, em que os autores citam que os universitários da área da saúde são os que mais se automedicam, acredita-se que as disciplinas cursadas sejam os fatores desencadeantes de tal ato. Tornando a automedicação como um problema sério. O ambiente acadêmico leva os estudantes a desenvolverem ansiedade, devido todos os fatores já citados.

Quando questionados sobre esses fármacos terem sido indicados por algum médico nos últimos 12 meses, 61,9% responderam não. As classes de medicamentos mais utilizadas foram os analgésicos com 57,1%, como mostra o gráfico 1 abaixo.

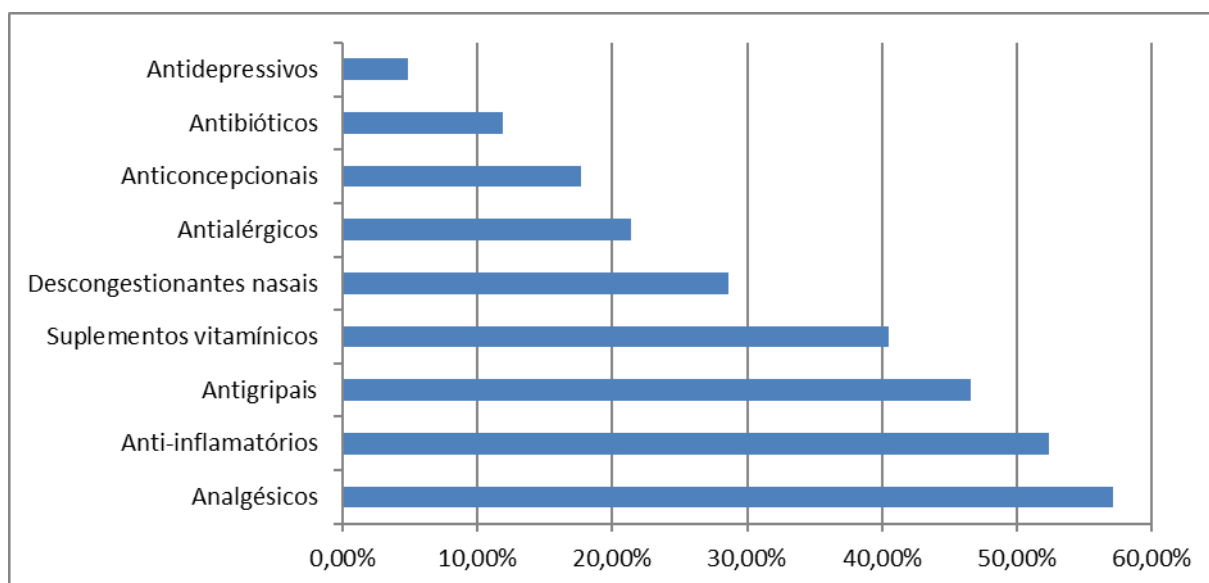


GRÁFICO 1: APRESENTAÇÃO DAS CLASSES DE MEDICAMENTOS MAIS UTILIZADAS PELOS ENTREVISTADOS

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

Ainda segundo o estudo realizado por Fontes (2019) sobre a automedicação por estudantes, coadunam com os resultados alcançados por essa pesquisa, em que se percebe uma maior utilização dos analgésicos, seguidos de anti-inflamatório e antigripais. O autor cita que o uso indiscriminado desses pode trazer malefícios à saúde. Coadunando a isso Aquino, Barros e Silva (2010) afirmam que a utilização de poli vitamínicos por estudantes em Recife é influenciada por propagandas que garantem rejuvenescimento, ambos acreditam no “poder milagroso” das vitaminas sem ao menos considerar os riscos da utilização.

Em relação à fonte que indicou os medicamentos, 62,6% relatam ser por conta própria, seguidos de 11,8% por farmacêutico, 8,2% por receitas antigas, 5,1% pelos pais e balconistas, e 2,4% entre amigos, internet e médico, como mostra o gráfico 2. Os estudantes em 52,4% relataram que fazem uso dos medicamentos por indicação própria, baseando-se em costume, uso crônico e pelo fato de que consultou uma vez e resolveu o problema, podem assim utilizar de forma contínua. Já 38,1% acreditam ter conhecimento teórico para se automedicar, seguidos de 9,5% que dizem utilizar porque todos os familiares usam e por outros motivos.

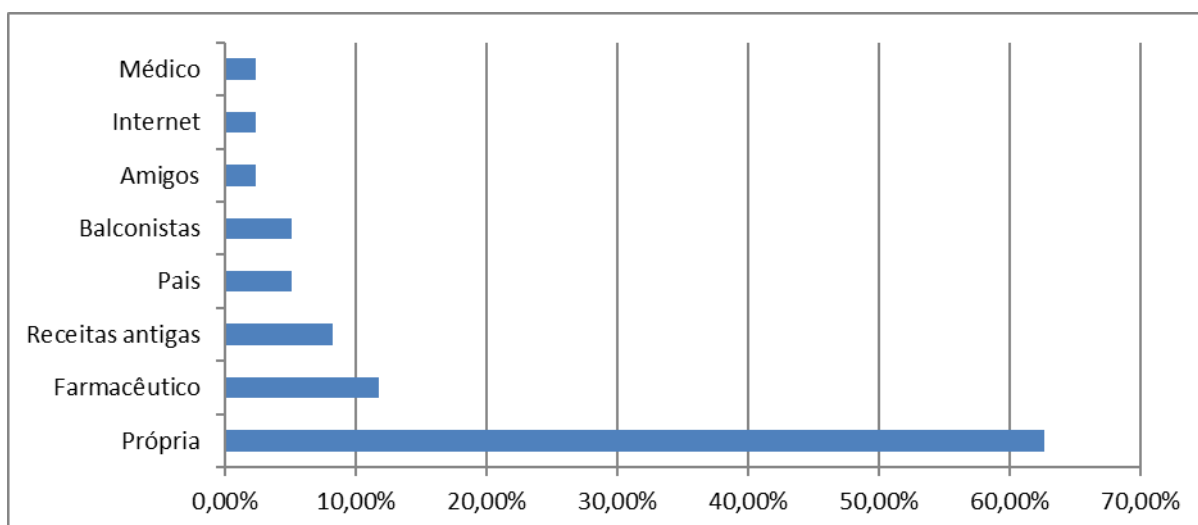


GRÁFICO 2: FONTES DE INDICAÇÃO DOS MEDICAMENTOS

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

Sobre os dados mencionados acima, percebe-se que uma grande parte da amostra, de fato acredita possuir conhecimento teórico que o legitime a prática da automedicação. Sobre isso, a pesquisa realizada por Coelho-de-Souza, Gomes, et al., (2013) revela que embora a maioria dos entrevistados tenham cursado a disciplina de farmacologia, o conhecimento farmacológico não foi um fator a ser considerado, que possa interferir na prática de uso indiscriminado de medicamentos.

Cerca de 38,1% responderam que sempre procuram ter um medicamento guardado em casa, 54,8% embora não tenham medicamentos disponíveis em casa, relatam comprar quando precisam, já que os mesmos sempre resolveram o problema e 7,1% responderam que quando não tem o medicamento em casa procuram com vizinhos, amigos etc. Quando questionados sobre a utilização de um mesmo medicamento para sintomas recorrentes, 73,8% responderam que procuram obter na farmácia e fazer uso desse mesmo medicamento, 14,3% utilizam os que já estão disponíveis em suas casas e 11,9% relataram que buscam em casas de vizinhos e amigos o mesmo medicamento ou outros que possam servir de substituto. Nenhum dos entrevistados relatou efeito adverso ao realizar a automedicação.

De acordo com estudos realizados na Sérvia e Índia, a crença da simplicidade da patologia alinhada à decisão de não consultar algum profissional da área, levaram diversos estudantes da área da saúde a utilizar medicamentos por conta própria, segundo eles devido conhecimentos adquiridos, assim a autoconfiança dos mesmos os asseguram a

escolha e indicação do medicamento sem prescrição, podendo assim contribuir a prática da automedicação (KUMAR, KANCHAN, et al., 2013).

Ainda sobre os riscos da automedicação, 100% dos entrevistados responderam que a prática da mesma pode trazer danos à saúde, inclusive apenas 7,1% afirmaram ser dependentes desta, enquanto que 92,9% afirmam não ser. Contudo, quando questionados sobre a forma de obtenção do medicamento apenas 7,1% dizem que procuram ir a uma unidade básica de saúde para realizar uma consulta médica e assim poder obter o medicamento, enquanto que a grande maioria demonstrou utilizar medicamentos sem prescrição médica ou orientação farmacêutica.

Quando questionados acerca do papel do farmacêutico como orientador dos riscos à saúde causados pela prática da automedicação, 100% dos entrevistados fizeram questão de ressaltar a importância do profissional. Inclusive expressaram opiniões que legitimam a importância do papel do farmacêutico, como: é muito importante conhecer os riscos e se conscientizar sobre esses atos, mesmo nos considerando teoricamente aptos para uso de certos medicamentos, se faz necessárias instruções de profissionais realmente capacitados.

Buscaram ainda ressaltar sobre os riscos que envolvem a prática da automedicação na vida do usuário: acredito que a automedicação sem prescrição e orientação dos profissionais dobra a probabilidade de riscos à saúde. O farmacêutico é o profissional mais indicado para orientar sobre os riscos da automedicação, pois infelizmente algumas pessoas não tem noção do quanto a automedicação pode trazer males para nossa saúde.

O atendimento farmacêutico dentro de suas possibilidades e limitações é de suma importância na prevenção da automedicação, pois o uso racional de medicamentos não se relaciona somente com uma prescrição bem elaborada, e sim em conjunto com uma dispensação de qualidade, em que exista o acompanhamento farmacoterapêutico (SILVA, MARIANO, et al., 2016). Atrelando a isso Rodrigues, Aquino e Medina (2018) relatam em seu estudo que o farmacêutico tem conhecimento sobre os medicamentos e como esses podem agir fisiologicamente, garantindo assim a segurança e efetividade do tratamento.

O inventário de ansiedade Beck (BAI) trata-se de um questionário com 21 alternativas, em que são utilizadas para autoanálise de sintomas de ansiedade, como sudorese, sentimento de angústia e palpitação, assim cada questão possui 4 alternativas: absolutamente não (0 pontos), levemente (1 ponto), moderadamente (2 pontos) e gravemente (3 pontos). Sendo assim, os escores na versão em português, equivalem a 0-

10 (nível mínimo), 10-19 (nível leve), 20-30 (nível moderado), 31-63 (nível grave) (SOUSA, LEMOS, et al., 2020). Os resultados obtidos são demonstrados na tabela 1:

TABELA 1: INVENTÁRIO DE BECK-BAI

SINTOMAS	0-10	10-19	20-30	31-63
1. Dormência ou formigamento	24	12	6	0
2. Sensação de calor	19	19	4	0
3. Tremores nas pernas	22	7	9	4
4. Incapaz de relaxar	8	17	12	5
5. Medo que aconteça o pior	11	13	11	7
6. Atordoado ou tonto	25	11	3	3
7. Palpitação	9	16	11	6
8. Sem equilíbrio	27	10	2	3
9. Aterrorizado	28	4	6	4
10. Nervoso	4	17	15	6
11. Sensação de sufocação	22	13	7	0
12. Tremores nas mãos	17	12	8	5
13. Trêmulo	21	11	5	5
14. Medo de perder o controle	23	8	6	5
15. Dificuldade de respirar	28	8	6	0
16. Medo de morrer	12	13	12	5
17. Assustado	16	14	7	5
18. Indigestão	18	12	12	0
19. Sensação de desmaio	34	3	2	0
20. Rosto afogueado	25	8	4	0
21. Suor (não devido ao calor)	10	19	9	4

FONTE: ADAPTADO DE SOUSA, LEMOS, et al., (2020).

O que se percebeu pelos dados colhidos, é que mulheres demonstraram ser mais ansiosas que homens e isso vai de acordo com os autores Maltoni, Palma e Neufeld (2019) que afirmam que as mulheres são mais ansiosas, já que estas sofrem maior pressão

psicológica por terem que sempre demonstrar serem capazes tanto quanto os homens. Por outro lado segundo o estudo de Bezerra (2017) estudando a relação de doenças mentais em homens, o sexo masculino é mais propício ao desenvolvimento de sintomas graves de ansiedade, pois o sujeito masculino tende a ser mais relutantes que as mulheres ao procurar ajuda de profissionais da saúde, ou conseguirem expressar suas vulnerabilidades e se abrir para familiares, amigos e profissionais.

4. CONCLUSÃO

Os resultados aqui encontrados apresentam a automedicação entre os universitários, principalmente com a classe dos analgésicos, nesse sentido foi percebido que a maior parte dessa prática é realizada por conta própria, pois eles acreditam ter conhecimento para tal ato. A expectativa era que o consumo de medicamentos de forma indiscriminada fosse bem menor, por se tratar de estudantes da área da saúde, porém o conhecimento os induz ao uso incorreto.

Percebeu-se que a predominância de ansiedade é relevante e que o semestre cursado é importante, uma vez que os resultados mostram que as cobranças no ultimo semestres são maiores, desse modo os universitários ficam mais preocupados, estressados e ansiosos, e ainda a incerteza de um emprego que está atrelado. Os objetivos da pesquisa foram alcançados, desse modo, faz-se necessário o desenvolvimento de ações que possam diminuir a automedicação e ansiedade entre esses estudantes. E por fim, esse estudo mostra que o farmacêutico desempenha papel importante na orientação do uso correto dos medicamentos.

5. REFERENCIAS

ALMEIDA, M. G. D. ANÁLISE DO TRATAMENTO FARMACOLÓGICO EM PACIENTES COM ANSIEDADE E DISTÚRBIOS DO SONO COM MEDICAMENTOS ANSIOLÍTICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA. (Bacharelado em Farmácia) Faculdade Maria Milza - FAMAM. Governador Mangabeira, p. 47. 2017.

ANDRADE, J. V.; ARAÚJO, D. C.; SOUZA, S. M. BREAKING THE TABOO: A SUICIDE PREVENTION WORKSHOP. Revista Vivências, Erechim, v. 15, n. 9, p. 237-243, jul./dez. 2019.

AQUINO, D. S. D.; BARROS, J. A. C. D.; SILVA, M. D. P. D. Self-medication and health academic staff. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 5, p. 1533-2538, 2010.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev. Saúde Pública*, v. 50, n. supl. 2, p. 1-13, 2016.

ASSINI, F. L.; BACK, J. T. Analysis of psychotropic requirements in private pharmacies in Monte Carlo City, Santa Catarina. *Rev. Eletr. Farm.*, v. 14, n. 2, p. 5-14, 2017.

BEZERRA, E. N. R. SAÚDE MENTAL MASCULINA: PREVALÊNCIA E VULNERABILIDADES AOS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS NOS CONTEXTOS RURAL E URBANO. (Doutorado em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, p. 327. 2017.

BRASIL. PORTARIA Nº 344, DE 12 DE MAIO DE 1998. Ministério da Saúde, 1998. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html>. Acesso em: 17 dezembro 2020.

BRASIL. Altos índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: 17 dezembro 2020.

BRASIL. IBGE Cidades. IBGE, 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cajazeiras/panorama>>. Acesso em: 17 dezembro 2020.

CAPISTRANO, F. C. ATENÇÃO À TERAPÊUTICA MEDICAMENTOSA POR PESSOAS EM TRATAMENTO EM CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. (Doutorado em Prática Profissional de Enfermagem) Universidade Federal do Paraná - UFP. Curitiba, p. 216. 2019.

CARDOZO, M. Q. et al. FATORES ASSOCIADOS À OCORRÊNCIA DE ANSIEDADE DOS ACADÊMICOS DE BIOMEDICINA. *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 9, n. 2, p. 251-262, mai./ago. 2016.

CARVALHO, E. A. D. et al. ÍNDICE DE ANSIEDADE EM UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES E CONCLUINTE DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. Rev. Ciênc. Cuid. Saúde, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, jul./set. 2015.

COELHO-DE-SOUZA, L. N. et al. Physical therapists understanding and attitudes toward non-steroid anti-inflammatory drugs. Rev. Dor., São Paulo, v. 14, n. 1, p. 44-47, jan./mar. 2013.

FERNANDES, M. A. et al. Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. Rev. Bras. Enferm., v. 71, n. suppl. 5, p. 2298-2304, 2018.

FERREIRA, B. C.; SILVA, S. M. D.; COSTA, B. V. Verification of anxiety in academics of the health courses os a Private University of the Zona da Mata, Minas Gerais. Interdisciplinary Scientific Journal, v. 6, n. 5, mai. 2019.

FONTES, S. T. O. ANÁLISE DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE DA UFCG - CES - CAMPUS CUITÉ. (Bacharelado em Farmácia) Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Cuité, p. 64. 2019.

GROLLI, V.; WAGNER, M. F.; DALBOSCO, S. N. P. Depressive and Anxiety Symptoms in High School Adolescents. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2017.

HOFFMANN, A. M. M. et al. Automedicação entre acadêmicos de Enfermagem. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. Sup. 9, p. 841-848, 2017.

KUMAR, N. et al. Perceptions and Practices of Self-Medication among Medical Students in Coastal South India. PLOS ONE, v. 8, n. 8, ago. 2013.

LANTYER, A. D. S. et al. Anxiety and Life Quality among Freshmen College Students: Evaluation and Intervention. Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn., v. 18, n. 2, p. 4-19, 2016.

LEITE, I. C. P. C. R. et al. Self-medication in students: a crosso sectional study. Boletim Informativo Geum, v. 7, n. 1, p. 19-27, jan./mar. 2016.

LIMA, B. V. D. B. G. et al. EVALUATION OF ANXIETY AND SELF-ESTEEM IN STUDENTS CONCLUDING THE NURSING GRADUATION COURSE. *Rev. Enferm. UFPE Online*, Recife, v. 11, n. 11, p. 4326-4333, nov. 2017.

LOPES, A. D. M.; MATA, L. C. C. D. AUTOMEDICAÇÃO ENTRE GRADUANDOS DAS ÁREAS DE SAÚDE E EXATAS DA FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA NA CIDADE DE SETE LAGOAS/MG. *Rev. Bras. Ciências da Vida*, v. 5, n. 1, 2017.

MALTONI, J.; PALMA, P. D. C.; NEUFELD, C. B. Sintomas ansiosos e depressivos em universitários brasileiros. *Psico*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-10, 2019.

MEDEIROS, P. P.; BITTENCOURT, F. O. Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular. *Id Online Rev. Psic.*, v. 10, n. 33, p. 43-55, jan. 2017.

MOUTINHO, I. L. D. et al. Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from different semesters. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, v. 63, n. 1, p. 21-28, 2017.

MS. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016. Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 17 dezembro 2020.

OMS. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. Geneva: Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO., 2017.

PAULA, W. D. et al. Prevalence of anxiety, depression, and suicidal ideation symptoms among university students: a systematic review. *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 8739-8756, jul./ago. 2020.

RODRIGUES, F. D. F.; AQUINO, R.; MEDINA, M. G. Evaluation of pharmaceutical services in primary health care in the care of patients with tuberculosis. *SAÚDE E DEBATE*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 173-187, out. 2018.

SILVA, N. H. D. et al. PHARMACEUTICAL ACTION REGARDING THE PROVISION OF

SERVICES AND PHARMACEUTICAL PRESCRIPTION IN PHARMACIES OF PINDAMONHANGABA - SP. Rev. Ciên. Saúde, v. 1, n. 2, p. 16-23, 2016.

SOUSA, V. A. D. et al. ANÁLISE DO PERFIL DE ANSIEDADE E USO DE ANSIOLÍTICOS POR ACADÊMICOS DO ÚLTIMO ANO DO CURSO DE FARMÁCIA EM UMA FACULDADE NA REGIÃO CARIRIENSE. In: ONE, G. M. D. C.; PORTO, M. L. S. FARMÁCIA: tecnologia a serviço da saúde. 1. ed. João Pessoa: IMEA, v. 1, 2020. p. 506-520.

Autor para correspondência:

Ana Emília Formiga Marques

Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP, Cajazeiras – PB, Brasil

Email: anaemiliaformiga@hotmail.com

Recebido: 15/01/2021 Aceito: 08/03/2021